

Os sete saberes necessários à educação do futuro¹

Rodrigo Silva Caxias de Souza*

Edgar Morin nasceu no dia 8 de julho de 1921, em Paris. Estudou história, sociologia, economia e filosofia. Graduiu-se em História e Geografia e também em Direito. Foi combatente voluntário na Resistência Francesa e tenente das Forças Armadas da França (1942 - 44). Integrou o alto escalão da Divisão Francesa na Alemanha (1945), depois liderou o escritório de propaganda na Diretoria de Informação da Administração Militar Francesa na Alemanha (1946). Atualmente, é ministro da Cultura do governo francês. Morin é doutor *honoris causa* por várias universidades: Perúgia, Palermo, Bruxelas, Genebra, Federal de Natal (RN), de João Pessoa (PB), Católica de Porto Alegre (RS), Univer-

sidade Odense (Dinamarca) e *Laus honoris causa* do Instituto Piaget, de Lisboa. É também Comendador da Ordem das Artes e Letras da República Francesa. Recebeu a mais alta comenda do governo espanhol, a Ordem do Mérito. Foi condecorado pelo governo português com a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada. Antropólogo, filósofo, historiador, é acima de tudo um pensador livre e polidisciplinar, que mescla as ciências humanas com as físicas e biológicas. É a partir dessa perspectiva que estuda os problemas do homem e do mundo contemporâneo. Interessa-se pelas artes em geral, mas o cinema, a música e a literatura são suas grandes paixões. Esta última desempenha um papel fundamen-

* Mestrando em Educação na Universidade de Passo Fundo.

¹ Resenha da obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro* de Edgar Morin.

tal em sua vida. Sua obra compõe-se de mais de cinquenta livros, traduzidos em várias línguas, inclusive grego, coreano, japonês e, recentemente, chinês. Além dos livros, escreveu centenas de artigos, publicados em revistas e jornais do mundo inteiro. É diretor emérito de pesquisa do Centro Nacional da Pesquisa Científica e presidente da Associação para o Pensamento Complexo. É um dos membros fundadores da Academia da Latinidade, instituição internacional fundada em Paris, em dezembro de 1999, que visa unir os povos de língua latina e tem como sede latino-americana a Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. Crítico ferrenho do paradigma científico que rege boa parte do trabalho acadêmico atual, Morin destaca a necessidade da reforma do pensamento por meio da reforma do ensino. A seu ver, reformar o pensamento é uma necessidade social chave, que visa preparar cidadãos capazes de enfrentar os problemas de seu tempo. Como pesquisador, não separa o objeto do conhecimento de sua própria vida. Sua visão de pensamento complexo opõe-se ao reducionismo e ao determinismo.

As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

No primeiro capítulo da obra, intitulado "As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão", o autor percorre novos caminhos quanto à ciência e ao saber científico, atribuindo à educação do futuro (o que, apesar de tudo, soa como uma proposição extremamente contemporânea) o papel desvelador de incorporar ao processo educativo a ameaça do erro e da ilusão.

Nesse sentido, é fundamental que entendamos que o conhecimento é um conjunto de fatores que são atribuídos à sociedade e ao indivíduo e, principalmente, vinculado às projeções de afetividade singular e coletivas dos indivíduos, ou seja, o autor chama atenção para a estreita relação estabelecida entre intelecto e afeto, mostrando as relações estabelecidas por ambos, ressaltando que são "indispensáveis" ao comportamento racional. Exemplifica, através dos erros mentais (memória e *self-deception*), os mecanismos de defesa que vão sendo incorporados em decorrência de relações conjunturais e subjetivas, mostrando a quantidade de elementos inconscientes atrelados ao pensamento; dos erros intelectuais (resistência a novas idéias que possam entrar em contradição com o sistema de idéias com que o indivíduo se identifica); dos erros da razão (racionalidade corretiva), ou seja, a racionalidade deve estar aberta ao que combate para que não se transforme em doutrina, para que não se transforme em racionalização, viés de possibilidades críticas e autocríticas. É necessário introduzir e desenvolver na educação o estudo das características cerebrais, mentais, culturais dos conhecimentos humanos de seus processos e modalidades, das disposições tanto psíquicas quanto culturais que o conduzem ao erro ou a ilusão. A ciência e a educação não podem ter como cerne a certeza.

Os princípios do conhecimento pertinentes

É necessário que a análise dos problemas-chave seja vista a partir de sua con-

textualização, pois conhecer o contexto é uma necessidade intelectual e vital para o indivíduo. Para tanto, é imperativa uma reforma paradigmática do pensamento. Nessa direção a educação tem a tarefa de tornar evidente o contexto, o global, a multidimensionalidade e o complexo. Os educadores do futuro deverão estar atentos para o enfrentamento das contradições. A evolução cognitiva pressupõe contextualização. Impera que estejamos atentos para relação todo-parte e para a relação de retroatividade estabelecida entre os diferentes níveis e esferas do conhecimento. Assim, a educação do futuro deverá ser um mecanismo que promova a inteligência geral, ou seja, a capacidade de resolução de problemas essenciais será catalisadora da resolução dos problemas complexos, encaminhando-se para a identificação de elementos estruturadores de uma falsa racionalidade. O processo histórico mostra que a ciência estabeleceu uma fragmentação, uma redução e uma disjunção do conhecimento, o que castra a possibilidade de operar o vínculo entre as partes e a totalidade e deve ser, por meio da educação do futuro, substituída e agregada por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto, revitalizando as possibilidades de compreensão e reflexão. O pensamento tecnocrático impregnado pela técnica vai diametralmente de encontro ao humano. A educação do futuro deverá ser a possibilidade da inclusão das relações complexas em suas atividades e na estruturação e reestruturação constante de sua teoria.

Ensinar a condição humana

Para que possamos ensinar a condição humana é estratégico que reconheçamos a diversidade cultural a tudo o que é humano. Ser humano significa carregar consigo características e contradições. As dimensões do humano não são apenas complementares, mas, sobretudo, antagônicas. Os progressos ocorridos e o aumento substancial do fluxo de conhecimento precisam ser unidos na direção do humano. As ciências humanas são, por si só, fragmentadas. A educação do futuro deve se voltar às ciências naturais, colocando em pauta a multidimensionalidade e complexidade, estando atrelada à arte, à poesia, à literatura, à filosofia. A condição humana deve ser entendida enquanto o objeto central de todo o processo educativo, reunindo e organizando tais conhecimentos nas diversas esferas do conhecimento, abandonando a visão unilateral e dualista que até então o conhecimento científico tratou de solidificar, encaminhando a possibilidade de que a educação possa ser uma análise das complexidades da humanidade.

Ensinar a identidade terrena

O ensino da identidade terrena baseia-se no entendimento do destino planetário da humanidade. A educação do futuro deverá atentar para essa outra realidade, até o momento não contemplada pelo processo educativo. O problema planetário é uma interconexão de crises e de outros problemas contemporâneos pertinentes aos nossos dias. O agravamento da crise instaura-se a partir do endurecimento e da atrofia do pensamento, impossibilitando-nos a

aptidão à contextualização e à globalização dos mesmos. Por meio de uma consciência da unidade e da diversidade cultural é que poderemos estabelecer uma educação direcionada a este pensamento, a essa diversidade criadora. A era planetária é a era dos circuitos planetários. O autor, num breve esboço histórico, mostra-nos como iniciou o estabelecimento da comunicação entre todas as culturas no século XVI, identificando como todas as regiões do mundo se tornaram solidárias; no entanto, não se ausenta quanto à denúncia dos paradoxos e das injustiças aos quais a humanidade foi submetida e que ainda perduram nos nossos dias. A educação precisará indicar a complexidade na qual está envolta a crise planetária que marca o legado século XX e o início do século XXI, alertando para o fato de que toda a humanidade compartilha os mesmos problemas globais e um futuro comum, buscando uma cidadania terrestre global.

Enfrentar as incertezas

O século XX caracterizou-se pelo momento no qual as ciências se depararam com inúmeras zonas de incertezas. Através do mito do progresso todas as relações eram respaldadas pelas certezas advindas das ciências. As incertezas históricas (recentemente a face do terrorismo nos mostrou isso) foram sendo configuradas pelo próprio processo histórico e pelos fatos históricos. É na corroboração de certezas doutrinárias, dogmáticas e intolerantes que se encontram as piores ilusões. As incertezas em um mundo incerto são máximas que devem ser incorporadas ao ato educativo. Um universo de interações precisa ser estabelecido levando em conta a complexidade, o

acaso, o inesperado, o imprevisto. A educação deverá incluir o ensino das incertezas que surgiram nas ciências naturais e humanas. É necessário que a educação do futuro ensine os princípios que permitam enfrentar as incertezas do real, do conhecimento e do próprio indivíduo.

Ensinar a compreensão

Ensinar a compreensão é construção individual e coletiva da consciência da necessidade intersubjetiva de solidariedade. Ensinar a compreensão humana é, na verdade educar para a aceitação como garantia de solidariedade intelectual e moral. Essa compreensão dependerá de uma relação de empatia. Ainda assim, a compreensão sofre com os obstáculos engendrados no seio da sociedade a partir da incompreensão dos imperativos éticos e das diferentes visões de mundo. É fundamental que a educação do futuro entenda que o etnocentrismo e o sociocentrismo são catalisadores de xenofobias e racismos e que é pelos preconceitos, pela ausência de autocritica e da capacidade de identificação das estruturas complexas da nossa humanidade que iremos compreender a falibilidade do humano. A compreensão necessita, mais do que nunca, entender a incompreensão. Ensinar para a compreensão significa a necessidade de adotar critérios quanto aos processos argumentativos que possam tolerar as diferenças planetárias e culturais dos indivíduos.

A ética do gênero humano

A cultura emerge das interações e retroações da tríade indivíduo, sociedade e

espécie. Segundo o autor, é em meio a essas relações que irá emergir a consciência. A antropoética dependerá da atitude consciente de trabalhar para a educação do futuro, ou seja, a compreensão da solidariedade humana, para a humanização da humanidade, que só será alcançada através da unidade planetária na diversidade. A educação deverá ensinar a ética do gênero humano através da democracia, que é a retroação da liberdade individual e coletiva, sendo produto e co-produtora da sociedade. A democracia comporta, intrinsecamente, as complexidades que a caracterizam; traz consigo o respeito à diversidade que se nutre na autonomia de espírito dos indivíduos. Entretanto, a dialógica democrática e a própria democracia passam por um processo de fragmentação do discurso político, reduzindo-o a bases técnicas e econômicas. A educação do futuro tem, entre muitos papéis, o de regenerar a democracia, ensinando a cidadania terrestre na direção de uma comunidade planetária organizada. Assim, o desenvolvimento da hu-

manidade deve compreender o desenvolvimento conjunto das individualidades, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana. A educação do futuro deve estar centrada em dois pressupostos básicos ético-políticos: estabelecer uma relação de controle mútuo entre a sociedade e os indivíduos pela democracia e conceber a humanidade como comunidade planetária. A educação deve ser o elemento norteador da consciência e da cidadania terrena.

Com uma linguagem extremamente acessível, Edgar Morin esboça alguns parâmetros centrais no que se refere à educação do futuro. Na verdade, o autor reforça algumas idéias já existentes em outros livros, temas que são seguramente encontrados na "ética da complexidade". Relacionar-se com a complexidade é o próprio entendimento acerca da vida e da educação do futuro, conduzindo a uma outra maneira de agir, de ser e de pensar o ser e o agir planetário.